



## **EMPATIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O USO DE DESENHO ANIMADO**

Lilian Kelly de Sousa Galvão; Marília Pereira Dutra

Universidade Federal de Campina Grande, [liliangalvao@yahoo.com.br](mailto:liliangalvao@yahoo.com.br)

### **Resumo**

Apesar do consenso existente entre diferentes autores a respeito dos benefícios que a empatia pode exercer no desenvolvimento social das crianças, poucos são os estudos que relatam propostas de educação empática. O objetivo do presente trabalho é apresentar um modelo de intervenção pró-empatia que poderá ser utilizado por profissionais da área da educação infantil. Para testar a validade do modelo proposto, está sendo desenvolvida uma pesquisa-intervenção com um delineamento quase experimental, com pré-teste e pós-teste, grupo experimental e de controle, em uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. Deverão participar 24 estudantes da educação infantil, selecionados de uma amostra de 100 crianças. Como instrumentos de coleta de dados serão utilizados: a Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes, de B. Bryant; o Diário de Campo; e uma Entrevista aberta. Os dados quantitativos serão analisados no *Statistical Package Social Sciences* (SPSS) e os dados qualitativos serão submetidos à Análise de Conteúdo Temática. A pesquisa-intervenção encontra-se em andamento. Para ilustrar o delineamento de como as intervenções estão sendo construídas, será apresentada uma intervenção que utiliza como estímulo afetivo-discursivo um episódio do Desenho animado Daniel Tigre. A intervenção proposta seguirá cinco etapas, a saber: 1) Estabelecimento de *rapport*; 2) Apresentação do desenho; 3) Uso de exercícios imaginativos; 4) Conversas sobre a vivência; 5) Fechamento da intervenção. Defende-se que o desenho animado pode ser uma ferramenta adequada para promover a empatia dentro das escolas e em outros âmbitos educacionais, favorecida pelo uso de técnicas do psicodrama associadas à discussão de dilemas morais.

**Palavras-chave:** empatia, intervenção, crianças, educação moral, desenho animado.

### **Introdução**

Hoffman (1989, p. 285) define a empatia como sendo “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro (*role-taking*), inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação”.

Vários estudos têm revelado que a empatia pode estar relacionada a uma série de benefícios, tais como: (1) Uma maior aceitação pelos pares – um estudo realizado por Warden e Mackinnon (2003), com 131 crianças de 9 a 10 anos de idade, revelou, dentre outros resultados, que crianças consideradas empáticas eram



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

significativamente mais populares do que os outros grupos de crianças avaliadas; (2) Uma melhor saúde mental – um estudo realizado por Blair (1997) demonstrou que crianças com alto grau de tendência a psicopatia apresentavam menores índices de habilidades empáticas (medida pela atribuição de emoções morais para os protagonistas das histórias) do que crianças com um baixo nível de tendência a psicopatia; (3) Uma maior preocupação com o outro – uma pesquisa realizada por Hastings, Zahn-Waler, Robinson, Usher e Bridges (2000) revelou que crianças com problemas de comportamento apresentavam uma tendência significativa a não se preocupar com mães, professores e outras crianças, além de apresentarem um baixo grau de sensibilidade empática, quando comparadas com outros grupos de crianças.

Ciente dos benefícios que a empatia pode propiciar para o ser humano, uma pesquisadora contemporânea e estudiosa da empatia, Susan Verducci, comenta que um grupo "extraordinariamente diversificado de pensadores educacionais americanos estão chamando para cultivar a empatia nas escolas com o objetivo de educação moral" (2000a, p. 63, tradução nossa). Verducci (2000b) defende a hipótese de que a experiência de atuar favorece a empatia. Por outro lado, conforme comenta Arnold (2003), a imaginação é uma característica necessária, mas não suficiente para promover empatia. Para este autor, deve-se incentivar os alunos a também participar de experiências cognitivas, mediante uma dinâmica entre pensamento e sentimento, a fim de promover a aprendizagem da empatia mais eficazmente.

Day (2002) investigou os efeitos de uma oficina de teatro destinada a aumentar a empatia de alunos com pessoas refugiadas e com pessoas desabrigadas, assim como para incentivá-los a tornarem-se agentes morais autônomos. Participaram das oficinas três escolas, localizadas em Londres, com alunos etnicamente diversificados. Os dados foram obtidos por meio de observações descritivas e entrevistas semi-estruturadas, antes e imediatamente após a oficina e, novamente, dois meses depois. Os resultados revelaram que as percepções dos alunos sobre os refugiados e pessoas desabrigadas mudaram após a participação nas oficinas. Além disso, foi verificado entre os alunos bastante entusiasmo para a promoção de ações voltadas à inclusão dos refugiados e pessoas desabrigadas no convívio social.

Upright (2002) sugere o uso de Dilemas Morais para aumentar a Empatia em crianças. Na perspectiva de Upright, a empatia é um processo apreendido que pode ser modelado com sucesso nas aulas a partir do uso de dilemas morais e *role-play*. Na sua concepção a estratégia deve envolver: (a) a utilização de observações formais e informais, (b) entrevistas informais, (c) a escolha das histórias adequadas, (d) vários métodos de apresentação e (e) grandes





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

discussões em pequenos grupos e (f) técnicas de fechamento, tais como amostras de escrita criativa.

Em um estudo realizado no Canadá, por Tsai e Kaufman (2009), foi investigada uma forma de educação empática bastante inusitada. Os pesquisadores estudaram a possibilidade de se utilizar um vídeo game portátil que simula um animal de estimação para melhorar a empatia da criança e as atitudes humanas. Os resultados mostraram que, após o jogo *Nintendogs*, quando se confrontou os resultados do pré-teste com os do pós-teste, os participantes de ambos os sexos tiveram um aumento significativo no grau de empatia, verificado por meio da *Bryant Empathy Index*, assim como no nível de atitude humana, verificado por intermédio da *Intermediate Attitude Scale*. As análises estatísticas também apontaram para uma correlação entre o tempo de brincadeira com o jogo e a melhora no relacionamento com animais.

No Brasil, dentro de uma perspectiva comportamental, Frare et al. (2005) criaram um programa para o ensino do comportamento empático voltado para o público infantil dentro do contexto clínico. Os autores desenvolveram atividades lúdicas para o ensino de nove comportamentos empáticos, sob a contingência de reforços positivos. Desses comportamentos, seis foram aprendidos pela criança durante as sessões. Os resultados possibilitaram, de acordo com os autores, identificar que, quando o ensino é programado, a aprendizagem ocorre de maneira a possibilitar ao terapeuta intervir mais precisamente sobre aqueles comportamentos que estão com mais dificuldades de serem aprendidos, aumentando, dessa forma, a eficiência do atendimento.

Galvão (2010), por sua vez, investigou, junto a um grupo de adolescentes brasileiros, a partir de um delineamento quase-experimental, com dois grupos experimentais e um de controle, se existiam diferenças entre os efeitos de uma técnica de intervenção “racional-discursiva” (discussão de dilemas morais), inspirada em Kohlberg, e uma técnica “racional-afetiva” (discussão de dilemas morais e psicodrama), inspirada em M. Hoffman. Os resultados dessa investigação demonstraram que o grupo submetido à técnica de intervenção “racional-afetiva” evoluiu mais do que o grupo submetido à intervenção “racional-discursiva” no grau de empatia; e o grupo de controle não apresentou evolução no desenvolvimento empático.

Em 2011, Rodrigues e Ribeiro realizaram um estudo para avaliar diferenças no grau de empatia em dois grupos de crianças brasileiras, participantes e não participantes de um programa de intervenção conduzido pelo professor em sala de aula, que objetivou promover o desenvolvimento sociocognitivo por meio da leitura mediada de livros de histórias infantis.

Participaram 40 crianças, com idade média de 7 anos (20



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

participantes e 20 crianças que não participaram do referido programa). Os resultados evidenciaram que o grupo participante apresentou médias significativamente mais expressivas quanto ao grau de empatia quando comparadas aos indivíduos não participantes, sugerindo que o trabalho implementado favoreceu indiretamente o desenvolvimento da empatia nas crianças.

Apesar dos benefícios inegáveis que a empatia pode exercer, conforme revisão bibliográfica realizada, ainda existem poucas propostas de intervenções voltadas para o desenvolvimento da empatia, sobretudo na infância. Diante disso, o objetivo principal do presente trabalho é apresentar um modelo de intervenção empática que poderá ser utilizado por profissionais da área da educação infantil.

### **Metodologia**

Para testar a validade do modelo de educação empática proposto, está sendo desenvolvida, durante a vigência 2016-2017 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG), uma pesquisa-intervenção com um delineamento quase experimental, com pré-teste e pós-teste, grupo experimental e de controle, em uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB.

As condições experimentais estão descritas a seguir.

- Condição 1: Técnica racional-afetiva – serão realizados exercícios imaginativos fundamentados em técnicas do psicodrama, tendo como estímulo inicial dilemas morais apresentados por meio da contação de histórias contidas em livros infantis, em historietas ou em desenhos animados. Em alguns encontros, os/as participantes serão solicitados/as a interpretar personagens, realizar exercícios imaginativos, por meio dos quais deverão tentar pensar e sentir o que eles acham que cada personagem sentiu e pensou; e/ou, serão convidados/as a tentar lembrar situações de suas próprias vidas nas quais eles tenham tido sentimentos semelhantes aos que eles imaginam que os personagens tenham vivenciado. Além das vivências afetivas realizadas, serão promovidos debates sobre os dilemas morais apresentados. Esta técnica trata-se de uma adaptação da técnica utilizada por Galvão (2010), com adolescentes.
- Condição 2: Grupo de controle – o grupo de controle será formado por crianças que não irão participar do grupo de intervenção proposto. Este grupo de participantes servirá apenas como parâmetro de comparação e, neste sentido, será avaliado, em relação à empatia, no pré e no pós-teste, da mesma forma que o grupo experimental.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Deverão participar 24 estudantes da educação infantil, selecionados de uma amostra de 100 crianças, que serão distribuídos em dois grupos (experimental e de controle), composto, cada um, por 12 participantes, com escolaridade e idades semelhantes e número igual de sujeitos por sexo. É relevante registrar que para selecionar os/as estudantes e distribuí-los/as nos grupos será considerada a média geral obtida no pré-teste na Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECA) de Bryant (1982).

### **Instrumentos de coleta de dados**

- Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes (EECA). Para investigar o grau de sensibilidade empática dos participantes (antes e depois da intervenção), será utilizada a EECA de Bryant (1982), adaptada para a utilização no Brasil por Koller, Camino e Ribeiro (2001), composta por 22 itens afirmativos e negativos, os quais serão lidos para a criança, que deverão concordar ou não. Seguindo o protocolo de análise, as respostas empáticas serão pontuadas com um ponto e respostas não empáticas com zero. Nesse sentido, quanto maior o número de pontos obtidos, maior o nível de empatia demonstrado pelo respondente.

- Diário de campo. Ao término de cada encontro, os estudantes de iniciação científica irão anotar em um documento do Programa *Word* de um *notebook*, os principais acontecimentos, percepções e sentimentos em relação a cada dia de intervenção, bem como irão transcrever o registro detalhado dos conteúdos verbais e não-verbais dos alunos participantes.

- Entrevista sobre o efeito da intervenção. Após os 20 encontros previstos, os/as participantes dos grupos experimentais serão convidados/as a conversar sobre o efeito da intervenção, em uma entrevista aberta.

### **Processamento e análise dos dados**

No *Statistical Package Social Sciences* (SPSS) será realizado um *Teste t para amostras emparelhadas*, com o objetivo de comparar as médias do pré-teste e do pós-teste relativas ao desenvolvimento empático dos participantes. Para analisar o diário de campo e as entrevistas realizadas após a intervenção será utilizada a Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 1977), com a participação de juízes, que trabalharão em conjunto, com um consenso de, no mínimo, 75%.



### **Aspectos éticos**

Inicialmente, a pesquisa foi apresentada à equipe gestora da escola. Após a autorização formal da direção da escola, o projeto foi encaminhado para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro (CEP-HUAC). A pesquisa-intervenção está sendo realizada de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata de pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012).

### **Resultados e Discussão**

Para ilustrar o delineamento de como as intervenções estão sendo construídas, será apresentado um dia de intervenção que foi planejado para utilizar como estímulo afetivo-discursivo um episódio do Desenho animado Daniel Tigre, intitulado “Daniel compartilha seu carro fantastigre”.

#### **Sobre o desenho Daniel Tigre**

O desenho Daniel Tigre (conhecido nos países de língua inglesa como *Daniel Tiger's Neighborhood*) estreou em 2012 nos Estados Unidos, e foi elaborado para abordar diferentes temas sócio-emocionais típicos da infância e auxiliar na aprendizagem de habilidades sociais fundamentais.

No Brasil, o desenho Daniel Tigre está disponível no *Disney Junior*, na TV Brasil, no *Netflix* e no *Youtube*. A série tem como protagonista principal um tigre, de 4 anos de idade, chamado Daniel Tigre (Daniel Tiger), que compartilha cenas com seus pais, amigos (Katarina Gatinha, Helena, Coruja O, Príncipe Quarta-feira, irmão do Príncipe Terça-feira), vizinhos, professora e irmã.

Até o momento foram lançadas duas temporadas do Desenho Daniel Tigre, com cerca de 65 episódios que duram por volta de 11 minutos, cada. Os desenhos são elaborados em uma linguagem simples e fazem uso de frases musicais para reforçar o tema e ajudar as crianças a se lembrarem da “moral da história”.

O desenho Daniel Tigre ganhou a prata no *Parents' Choice Award* (2013, 2014), foi indicado para o *Television Critics' Associations Award for Outstanding Achievement in Youth Programming* (2013, 2014), e foi selecionado para o *Prix Jeunesse Internacional* (2014) (WIKIPEDIA, 2016).

#### **Sobre o episódio escolhido**





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O episódio escolhido, intitulado “Daniel compartilha seu carro fantástico”, narra o drama vivido por Daniel ao ter que emprestar ao seu amigo, Príncipe Quarta-feira, o seu carro fantástico. Para ajudar a resolver o dilema, Daniel conta com o seu Pai, que tenta fazê-lo se colocar no lugar do amigo, conforme pode ser visto na transcrição a seguir.

**Daniel Tigre:** Olá, olá Príncipe Quarta-feira. Olha o meu carro fantástico. Olha como ele pode ir rápido! Vrum! Ei, onde está o seu carro?

**Príncipe Quarta-feira:** Eu esqueci de trazer um carro.

**Daniel Tigre:** Ou!

**Príncipe Quarta-feira:** Eu posso brincar com o seu carro?

**Daniel Tigre:** Com o meu... você quer brincar com o meu carro fantástico? Mas, é meu...

**Príncipe Quarta-feira:** Por favor, eu posso brincar com o seu carro? Eu quero fazer vrum.

**Daniel Tigre:** Mas, é o meu carro e...ou... o meu pai pode ajudar. Pai!

**Pai de Daniel Tigre:** Está tudo bem por aqui?

**Daniel Tigre:** Bem, o Príncipe Quarta-feira quer brincar com meu carro fantástico...

**Príncipe Quarta-feira:** ... porque eu não trouxe um carro, eu esqueci o meu...

**Daniel Tigre:** Mas, esse é o meu carro fantástico.

**Pai de Daniel Tigre:** Olha Daniel, que tal você dividir com o Príncipe Quarta-feira.

**Daniel Tigre:** Dividi?

**Pai de Daniel Tigre:** Sim, você vai emprestar o carro para o Príncipe Quarta-feira, depois ele vai devolver. Pode dizer: “Empresto pra você, pois vai me devolver” (canção).

**Daniel Tigre:** “Empresto pra você, pois vai me devolver” (canção).

**Príncipe Quarta-feira:** Sim, nós vamos dividir. Eu vou lhe dar de volta. Eu realmente prometo.

**Daniel Tigre:** Eu não sei.

**Pai de Daniel Tigre:** Daniel, como você acha que o Príncipe Quarta-feira se sente agora?

**Daniel Tigre:** Triste. Eu não quero que você fique triste, Príncipe Quarta-feira. Você é meu amigo. Mas, eu quero brincar com o meu carro. O que você faria? (se dirige ao telespectador) (...) Ah! Tudo bem, Príncipe Quarta-feira, você pode brincar com o meu carro fantástico. “Empresto pra você, pois vai me devolver” (canção).

**Príncipe Quarta-feira:** Obrigado, Daniel. Eu vou dar uma volta e depois te devolvo ele. Vrum!

**Daniel:** É o meu Carro (fala desapontado).

**Pai de Daniel:** Eu sei que é difícil Daniel. Você está sendo um bom amigo para o Príncipe Quarta-feira.

Upright (2002) salienta que é preciso escolher histórias adequadas para planejar uma boa educação empática. Acredita-se que o episódio escolhido contém todos os requisitos necessários para levar as crianças a um processo de desenvolvimento empático. Nele está contido um conflito cognitivo, necessário para promover um processo de descentração: Daniel deve ou não emprestar o carro fantástico? Se Daniel emprestar, ele ficará sem nenhum carro para brincar. Isso é justo? Por outro lado, se Daniel não emprestar deixará seu amigo triste. Isso é correto? Nele também está contido intenções de sensibilização empática, percebida claramente quando o Pai de Daniel Tigre afirma “Daniel, como você acha que o Príncipe Quarta-feira se sente agora?”.

## Planejamento da Intervenção

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Inspirado na proposição de Arnold (2003) de que a imaginação é uma característica necessária, mas não suficiente para promover empatia, é que foi elaborado o modelo de intervenção proposto a seguir, que irá fazer uso tanto das interpretações de papéis, com respaldo teórico no Psicodrama (MORENO, 2003), quanto do uso de experiências cognitivas (ARNOLD, 2003; GALVÃO, 2010; UPRIGHT, 2002).

A intervenção foi planejada para ser realizada em cinco etapas, a saber:

- 1) Estabelecimento de *rapport* – Com o objetivo de construir um “clima” de descontração e criar uma “sintonia” entre crianças e pesquisadores, inicialmente os/as participantes serão convidados/as a falarem livremente sobre os desenhos que gostam de assistir, até que se perceba que eles estão confortáveis para iniciar a intervenção grupal.
- 2) Apresentação do desenho – O episódio do desenho animado Daniel Tigre, intitulado “Daniel compartilha seu carro fantástigre”, previsto para durar 11 minutos, será apresentado na sala de vídeo da escola.
- 3) Uso de exercícios imaginativos – O episódio apresentado será explorado a partir da técnica do Psicodrama intitulada Bonecos/Máscaras (MORENO, 2003). Os/as participantes serão convidados/as a formarem trios e a interpretar a cena em que Daniel demonstra dificuldades para dividir seu carro *fantástigre* com o Príncipe Quarta-feira, que tem o Pai de Daniel Tigre como intermediador do conflito de interesse. Os/as participantes irão utilizar máscaras dos personagens envolvidos e será oferecido/a, para tornar a interpretação mais próxima da realidade, um carro/uma boneca (de acordo com a preferência). Os/as participantes deverão interpretar a cena três vezes para que possam trocar de papéis e vivenciar, desse modo, o papel de todos os personagens envolvidos (Daniel Tigre, Príncipe Quarta-feira, Pai de Daniel Tigre). Durante as interpretações, os/as participantes serão estimulados a pensar e a sentir o que eles acham que cada personagem sentiu e pensou na situação de conflito. É relevante registrar que os/as participantes terão a liberdade de improvisar suas falas.
- 4) Conversas sobre a vivência – Os/as participantes serão convidados a falarem sobre o que pensaram e o que sentiram ao fazerem o papel de Daniel Tigre (que não queria emprestar o carro), do Príncipe Quarta-feira (que queria brincar com o carro de Daniel) e do Pai de Daniel Tigre (que intermediou o conflito); em seguida, a tentarem lembrar de situações de suas próprias vidas nas quais eles/as tenham tido sentimentos semelhantes aos que eles/as





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

imaginam que os personagens tenham vivenciado.

- 5) Fechamento da intervenção – Será proposto que os/as participantes façam um desenho de seu brinquedo favorito e “emprestem” a um/uma colega, o/ qual deverá devolver no outro dia.

Em consonância com o proposto por Upright (2002), nos demais encontros serão utilizados outros métodos de apresentação dos dilemas empáticos. Mais precisamente, trabalhar-se-á com outros desenhos animados, com contação de histórias contidas em livros infantis, e com historietas. Também haverá variações na forma de explorar o estímulo afetivo-discursivo.

Como já foi explicitado no método, no decorrer das intervenções um monitor irá anotar tudo o que observou em um Diário de Campo, que será analisado por intermédio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). No final das 20 intervenções previstas, será realizada uma entrevista com os/as participantes, onde eles/as serão solicitados/as também a responderem a Escala de Empatia para Crianças e Adolescentes. Acredita-se que o modelo de intervenção proposto se diferencia de muitas intervenções publicadas na literatura pertinente por ter sua eficácia avaliada de diferentes formas. E, ademais, contará com um grupo de controle que ajudará a pensar se de forma natural, ou seja, sem a realização de uma intervenção planejada, as crianças desenvolvem a empatia.

### **Considerações finais**

Para finalizar, considera-se pertinente realizar algumas problematizações:

- 1) Será que a proposta planejada poderia ser realizada com sucesso com um número maior de participantes? Acredita-se que sim. Contudo, supõe-se que para garantir o bom êxito da técnica seria necessário mais tempo de intervenção para que fosse salvaguardada a participação de todos os membros do grupo nos exercícios imaginativos e nas atividades planejadas;
- 2) Quantas escolas públicas brasileiras possuem uma infraestrutura que permite a apresentação de um desenho infantil? De acordo com o que vem sendo veiculado pela mídia, pode-se afirmar que poucas. Nesses casos, sugere-se que sejam utilizados outros recursos. Poder-se-ia, por exemplo, transformar o desenho do Daniel Tigre em uma contação de história;
- 3) Será que as escolas brasileiras possuem um espaço em seu currículo para o desenvolvimento de um projeto semelhante a esse? Existe uma tendência, sobretudo nos países de primeiro mundo, em valorizar os currículos



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

que se preocupam com a construção de uma cultura de paz e cidadania nas escolas. No Brasil, infelizmente, ainda impera a supervalorização de currículos que garantam a inserção dos/as alunos/as nos melhores cursos das melhores universidades.

4) Qual o alcance que esse trabalho de intervenção poderia ter na vida dos participantes? Em outras palavras, será que um trabalho ocasional teria forças suficientes para promover um desenvolvimento empático permanente? Com base em estudos sobre empatia, acredita-se que sim. De qualquer forma, valeria a pena, após um certo tempo, realizar uma nova avaliação (*follow up*).

Em síntese, mesmo ciente de que existem algumas dificuldades para promover a empatia na escola, consideram-se auspiciosos o modelo de intervenção proposto e julga-se recomendável que ele oriente projetos de educação moral nas escolas.

### Referências

ARNOLD, R. Empathic intelligence: the phenomenon of intersubjective engagement. In: I INTERNATIONAL CONFERENCE ON PEDAGOGIES AND LEARNING QUEENSLAND, Australia, 2003. **Anais da I International Conference On Pedagogies And Learning Queensland**. Disponível em: <http://www.aare.edu.au/04pap/arn04242.pdf>. Acesso em 6 de jul. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BLAIR, R. J. R. Moral reasoning and the child with psychopathic tendencies. **Personality and Individual Differences**, 22(5), 731-739. 1997.

BRASIL. Resolução 466/2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 2012.

BRYANT, B. K. An index of empathy for children and adolescents. **Child Development**, v. 53, p. 413-425, 1982.

DANIEL TIGER'S NEIGHBORHOOD. In: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daniel\\_Tiger%27s\\_Neighborhood&oldid=41731688](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daniel_Tiger%27s_Neighborhood&oldid=41731688). Acesso em: 1 jul. 2016.

DAY, L. Putting yourself in other people's shoes': the use of forum theatre to explore refugee and homeless issues in schools. **Journal of Moral Education**, v. 31, n. 1, p. 21-34, 2002.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

FRARE, A. V. E.; SOUZA, F. C. de; QUEIROZ, F. P. de; LUCA, G. G. de; MOSKORZ, L.; KUBO, O. M. Avaliação de um programa para ensinar comportamento empático para crianças em contexto clínico. **Interação**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 355-369, 2005.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia**: medidas, correlatos e intervenções educacionais. 2010. 299f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

HASTINGS, P. D.; ZAHN-WALER, C.; ROBINSON, J.; USHER, B.; BRIGDES, D. The development of concern for others in children with behavior problems. **Developmental Psychology**, v. 36, n. 5, p. 531-546, 2000.

HOFFMAN, M. L. Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N.; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Org.). **Social and moral values**: individual and societal perspectives, Hillsdale: N. J. Erlbaum, 1989, p.139-152.

KOLLER, S. H; CAMINO, C.; RIBEIRO, J. Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 43-53, 2001.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2003.

RODRIGUES, M. C.; RIBEIRO, N. N. Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13, n. 2, p. 114-126, 2011.

TSAI, Y. L.; KAUFMAN, D. M. The socioemotional effects of a computer-simulated animal on children's empathy and humane attitudes. **Journal of Education Computing Research**, v. 41, n. 1, p. 103-122, 2009.

UPRIGHT, R. L. The tell a tale: the use of moral dilemmas to increase empathy in the elementary school child. **Early Childhood Education Journal**, v. 30, n. 1, p. 15-20, 2002.

VERDUCCI, S. A conceptual history of empathy and a question it raises for moral education. **Educational Theory**, v. 50, n. 1, p. 63-79, 2000a.

VERDUCCI, S. A moral method? Thoughts on cultivating empathy through method acting. **Journal of Moral Education**, v. 29, n. 1, p. 87-99, 2000b

WARDEN, D.; MACKINNON, S. Prosocial children, bullies and victims: an investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 21, p. 376-385, 2003.